



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

LA LYS

(ÚLTIMA SCENA DO EPISÓDIO DRAMÁTICO EM 2 ACTOS
— «O HERÓI MINHOTO» — REPRESENTADO NO DIA 10
DE ABRIL DE 1922, NO THEATRO D. AFONSO HENRIQUES,
PELOS SARGENTOS DE INF. N.º 20, EM BENEFÍCIO
: : DOS ÓRFÃOS DA GUERRA) : :

(JOÃO ALVES — O HERÓI MINHOTO)

Eu quero descrever ao povo desta terra,
ao povo que eu adoro, ao povo meu irmão,
o brio português na temerosa guerra.
Eis o que vou fazer.

(PROENÇA)

Amigos, atenção.

(JOÃO)

Amigos, não sabeis, oh! não sabeis, por certo,
o que na guerra há de p'rigos e de horrores!...
A guerra é a vastidão imensa dum deserto
sem ar, sem luz, sem sol, sem brisas e sem flores.

Não pode a alma sentir lampejos de alegria...
Seja embora o soldado altivo, brioso e forte,
terá sempre da Pátria a triste nostalgia
e sôbre si pairando um negro espectro — a Morte!

O soldado, porém, não trepida. A vitória,
as glórias da Pátria — eis o seu ideal!
Foi êste sempre o timbre — assim o diz a História —
de quem nasceu aqui, no nosso Portugal.

De Ourique, Aljubarrota, as lutas gloriosas,
ou de Alcácer-Quibir o infeliz revês,
têm comemorações em páginas famosas
que a História consagra ao povo português.

O' velho Portugal, quem é que te socorre?
O teu valor guerreiro, a fé na Providência!
Livre sempre serás. Não morre, oh! nunca morre,
um povo que ama assim a sua independência.

Podes adormecer num longo cativeiro,
mas acordas depressa em fúrias de leão.
Que o diga de Dezembro êsse dia primeiro
em que gritaste audaz: — «Viva a Restauração!»

Nobreza do passado, o brio, a altivez,
— a altivez que não verga, o brio que não cansa —
o prístino valor, ó povo português,
levaram-te a lutar no coração da França.

Lá fomos... Também fui, cumprindo o meu dever.
A terra, o pai e a mãe e tudo o que eu amei,
talvez — pensava eu — não torne mais a ver...

(JOSEFA — MÃE)

E choraste, meu filho?

(JOÃO)

Oh! sim, ó mãe, chorei.

O meu pranto, porém, não era cobardia;
é que eu deixava aqui a minha f'licidade:
o trabalho, o amor, a paz e a alegria,
encantos ideais da minha mocidade.

Mas enxuguei o pranto. O pranto é uma fraqueza
imprópria de quem veste a farda de soldado.
Lá fomos pelejar na pátria francesa,
cumprir nosso dever num gesto nobre e honrado.

Mas inda antes de entrar na temerosa guerra,
perto de Armentiers sofremos um revês:
nós vimos ensopada aquela estranha terra
nas primícias do sangue heróico português.

Nós vimos lá cair, prostrados pelo chão,
depois de dor atroz, nas vascas da agonia,
alguns nossos irmãos e o nosso Capitão,
heróico e valoroso, o Capitão Faria! ⁽¹⁾

Silenciosa e triste a fúnebre romagem
em que fomos levar a um pobre coval,
numa sentida dor, numa grande homenagem,
os mortos, os heróis do nosso Portugal!

Depois principiou a vida das trincheiras.
De dia não há sol, as noites sem luar;
nas planícies de além, nas campinas fronteiras,
granadas até nós fuzilam pelo ar.

Há frio, muito frio — o céu é inclemente!
Horível tempestade o estrondo dos canhões!
O troar da granada é qual dobre plangente;
fogueiras a luzir são fúnebres brandões!...

Passámos o inverno a tiritar de frio;
chegou a primavera e nós sem uma flor...
Que importa? Na nossa alma há sempre intenso o brio
que dá a força audaz, coragem e valor.

A Março sucedeu o lindo mês de Abril;
e nós, ao ver o céu plúmbeo e glacial,
bradámos: — «¿Onde está aquele céu de anil,
aquele lindo céu do nosso Portugal?»

E, como a responder à nossa comoção,
caíu, junto à trincheira onde era o nosso abrigo,
metralha arremessada a tiros de canhão,
que nós vimos partir do campo do inimigo.

(1) O Capitão José Vieira de Faria, militar inteligente, disciplinador e brioso, amigo leal e dedicado, cuja morte foi devida a ferimentos, por desastre, pelo rebentamento duma granada, na Escola de Granadas, no campo de instrução, em Marthes.

Era o sinal da luta! — «¡Em guarda, meus rapazes,
— gritou o comandante — em guarda, não temer!
Mostrai que descendeis dêsses heróis audazes
que souberam lutar, lutar até morrer!»

Era em Nove de Abril... Que luta, que pavor!
Oh! deve ser assim o bátrito infernal!
Pairava sôbre nós a morte, o luto, a dor;
mas nós, inda uma vez, honramos Portugal.

Ecôa no espaço o tiro do canhão,
o gaz asfixiante a morte em nós espalha:
parece o ribombar tremendo do trovão
a acompanhar a chuva intensa da metralha!

Mas nós, como leões, impávidos, serenos,
almas cheias de fé e corações amantes.
Pequenos? Não, oh! não! Não éramos pequenos:
éramos poucos, sim, mas éramos gigantes.

Eu estava em Fauquissart... Caíram um a um,
feridos mortalmente, os nobres camaradas.
Olhei, tornei a olhar: nenhum, não vi nenhum!
Só eu estava exposto à chuva das granadas.

Os outros pelo chão... Corri em seu socorro.
Vi um que ainda dava alguns sinais de vida.
Chamou-me p'ra dizer: — «Amigo, eu sei que morro:
oh! como é bom morrer por nossa Pátria q'rida!»

Morreu... Pouco depois, senti um estilhaço
ferir-me aqui no peito, ao pé do coração.
Eu vi correr em fio ao longo do meu braço
o sangue... Ouvi gritar o nosso capitão:

— «Retira-te, rapaz, fuge como puderes.»
— «Fugir, meu capitão?! Fugir é cobardia.
O medo deu-o Deus às almas das mulheres;
aos homens o valor, coragem, valentia.»

Eu inda quis lutar... Senti-me enfraquecer.
O que fazia eu só no campo devastado?
Morrer? Oh! sim, por certo, eu ia ali morrer.
Assim, não é vergonha a fuga do soldado.

Fugi... Mas, ao fugir, encontro na passagem
obstáculos aos mil, cadáv' res aos montões;
estorva-me o caminho o fogo da barragem,
persegue-me feroz o fogo dos canhões,

rasgam-me a carne e a farda as farpas do arame;
exangue, esfarrapado, os olhos já sem luz,
não vejo ali ninguém, ninguém por quem eu chame;
só vejo erguer-se ao alto os braços duma cruz.

Espavorido, louco, ajoelhei então.
Não me sentia bem, estava alucinado...
Depois perdi a luz, o senso e a razão.
Ia morrer ali talvez abandonado...

.....
Mais tarde, ao vir a mim, par'ceu-me despertar
de um pesadelo mau; subir ao paraíso:
uma voz de mulher meigamente a chamar,
nos olhos compaixão, nos lábios um sorriso.

O seu vestido tinha a candidez, a alvura,
a que nem mesmo a neve alpina se assemelha.
— «Sois anjo ou sois mulher? Responde, criatura!»
— «Nem anjo, nem mulher: eu sou a Cruz Vermelha.»

A sombra dessa Cruz surgiu em mim a esperança
de sair vivo e são da cama do hospital;
e de poder voltar do coração da França
aqui, ao coração do nosso Portugal.

Eis o que foi La Lys: um gesto sobrehumano
que a fôrça subjugou — um trágico revés,
no qual se afirmou bem o brio lusitano,
a honra e o valor do povo português!

Eu creio que há-de vir o dia da Vitória!
Oh!, sim, hemos de ouvir um hino triunfal!
Veremos a figura austera da História
c'roando a fronte altiva ao velho Portugal!